

EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA EDUCAÇÃO

SAMUEL PRATES DE SOUSA E SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

MILENE MEYRE DA SILVA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo suscitar algumas questões e reflexões pertinentes ao campo da sociologia da educação no contexto brasileiro. Para tanto, serão comparadas duas experiências de estágio, vivenciadas em duas escolas e em duas modalidades (ensino médio técnico e educação de jovens e adultos) de ensino básico de Vitória da Conquista. A partir de tal comparação, propomos uma análise sociológica da educação e dos processos de ensino e aprendizagem na escola formal - tendo por base as teorias de Pierre Bourdieu e Carlos Rodrigues Brandão - e uma análise comparativa das experiências de ensino em Sociologia. Dessa forma, buscamos pensar os diferentes modelos educacionais presentes no Brasil e como estes são organizados e orientados por interesses específicos, que têm por função selecionar os sujeitos que devem seguir uma carreira acadêmica-universitária e aqueles que devem se limitar à inserção direta (pós-ensino médio) no mercado de trabalho. Dessa forma, o artigo pretende problematizar os modelos de ensino e pensar quais os caminhos alternativos para a concretização de uma prática docente efetiva, alinhada a uma perspectiva educacional mais justa e igualitária.

Palavras-chave: Educação Básica. Estágio Supervisionado. Sociologia.

Abstract:

This article aims to raise some questions and reflections pertinent to the field of sociology of education in the Brazilian context. To this end, two internship experiences will be compared, carried out in two schools and in two types (technical secondary education and youth and adult education) of basic education in Vitória da Conquista. Based on such a comparison, we propose a sociological analysis of education and teaching and learning processes in formal schools - based on the theories of Pierre Bourdieu and Carlos Rodrigues Brandão - and a comparative analysis of teaching experiences in Sociology. In this way, we seek to think about the different educational models present in Brazil and how they are organized and guided by specific interests, whose function is to select those subjects who should follow an academic-university career and those who should limit themselves to direct insertion (post- high school) in the job market. In this way, the article intends to problematize teaching models and think about alternative paths to achieving effective teaching practice, aligned with a fairer and more egalitarian educational perspective.

Keywords: Basic education. Supervised internship. Sociology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de experiências vivenciadas durante os meses de setembro e dezembro de 2023, possibilitadas pelo contato inicial com o estágio e que se referem a dois campos específicos. O primeiro é o Complexo Integrado de Educação Básica e Profissional (CIEB) de Vitória da Conquista/BA, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na qual as aulas são realizadas no período noturno. Já o segundo campo é o Instituto Federal da Bahia (IFBA) - campus de Vitória da Conquista/BA - na modalidade de ensino técnico (habilitação profissional de nível médio) no turno vespertino.

Durante tal período (com carga horária de 32 horas), a observação das atividades abarcou não somente as experiências em sala de aula (ensino de conteúdo sociológico), mas também reuniões de professores, conselhos de classe, aplicação de provas, simulados e projetos interdisciplinares e oficinas de preparação para o vestibular da UESB. Em face disso, foi possível adentrar os contextos escolares de forma mais ampla, o que permitiu a familiarização com o contexto e as práticas comuns aos ambientes educacionais do IFBA e do CIEB.

A partir de tais experiências, buscamos perceber as diferenças e semelhanças em relação ao ensino de sociologia no ensino básico, bem como as consequências sofridas pelo alunado em cada modalidade de ensino. Nesse sentido, a comparação das realidades escolares possibilitou uma análise sociológica acerca dos modelos educacionais e como estes estão atrelados a uma divisão social do saber específica, que segrega os estudantes a partir das suas condições sociais desiguais, de modo a definir previamente um tipo de ensino e uma forma de ensinar para os diversos grupos sociais.

Conforme Arendt (1972), a educação como movimento contínuo de dinamização da sociedade, necessita ser pensada para além de suas estruturas tradicionais. O ato de educar, constantemente envolvido pela realidade social deve, pois, se fundamentar na procura por uma autonomia pessoal, firmada sob as bases de suas próprias percepções e vivências sociais. Visto que, como bem afirmou Arendt, “o problema é saber como educar de forma a que essa recolocação continue a ser possível, ainda que, de forma absoluta, nunca possa ser assegurada. A nossa esperança reside sempre na novidade que cada nova geração traz consigo” (ARENDRT, 1961).

Nesse sentido, o estágio de observação se configura como um importante mecanismo de relação da função do professor como intelectual em processo de formação e da educação como um movimento contínuo e dialético. Tudo isso, mediante a compreensão do estágio como

investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas de ensino num determinado espaço e tempo histórico. Além disso, o estágio possibilita uma visão reflexiva de caráter coletivo e social da prática profissional do professor-pesquisador, proporcionando assim, uma ressignificação de sua própria ação e do contexto escolar a qual se insere.

VIVÊNCIAS EM COLÉGIOS DE EDUCAÇÃO BÁSICA

É importante destacar que as experiências no Complexo Integrado de Educação Básica e profissional (CIEB) são referentes à modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na qual as aulas são realizadas no período da noite. Tal fato é de importância fundamental para a posterior análise dos processos de ensino e aprendizagem, tendo em vista as condições materiais específicas da modalidade, bem como o seu público-alvo, constituído, prioritariamente, por estudantes trabalhadores. O tempo de aula (trinta e cinco minutos), por demais curto, também é outro fator essencial para o planejamento dos conteúdos disciplinares. Para além do curto espaço de tempo, o(a) professor(a) deve ainda lidar com os atrasos, comuns (principalmente) nas primeiras aulas.

Dentro de tal estrutura de ensino, a tônica geral das aulas de sociologia observadas foi de um desinteresse generalizado que, salvo algumas esperançosas exceções, envolvia conversas contínuas, uso de celular e muitas “idas e vindas” ao banheiro e outros locais. Se, de um lado, há tal desinteresse, do outro existe também o elevado cansaço, vivido por vários estudantes que – em sua maioria - têm que trabalhar durante o dia. Tais fatores contribuem, também, para o alto índice de evasão escolar.

Oliveira e Costa (2013) apontam a falta de consolidação da sociologia enquanto disciplina escolar, em oposição à posição estabelecida de matérias como matemática, língua portuguesa e ciências naturais (química, física e biologia). Por uma “falta de tradição”, que pode ser justificada pelo processo de intermitência da disciplina na grade curricular básica, a sociologia é percebida, muitas vezes, como desnecessária. Tal teoria nos ajuda a compreender a falta de interesse e os questionamentos dos alunos sobre o conteúdo (“qual disciplina é essa?”) e sobre a própria importância da disciplina (“para que serve isso?”).

Dentro de tais condições, foi possível perceber as distintas efetividades engendradas por diferentes metodologias de ensino. Se, de um modo geral, as aulas expositivas não funcionavam de modo a captar a atenção e a compreensão dos alunos, outras estratégias conseguiram contornar o problema. Uma delas foi a exibição (no período de duas aulas, ou seja, 110 minutos) do curta metragem “Dois Estranhos” para tratar do tema do racismo e da violência policial, que

obteve alto índice de atenção e participação dos alunos. Outro exemplo foi o “Projeto da Consciência Negra”, que mobilizou todas as turmas do período noturno e contou com a participação dos alunos em distintas atividades (oficinas, stands, desfiles e apresentações), além da presença de grupos de capoeira e de percussão (kilombeco). No projeto, inúmeras atividades relacionadas à cultura afro-brasileira foram apresentadas pelos alunos, como a apresentação acerca das religiões de matriz africana (umbanda e candomblé).

Luci de Oliveira (2019) indica que a arte aparece como uma importante estratégia de sensibilização do alunado, uma vez que possui maior efetividade quando o tema a ser tratado possui caráter mais “problemático” ou complexo, como é o caso do racismo. Tal fato pôde ser observado durante dois momentos: na realização do Projeto de Consciência Negra e na transmissão do curta “Dois estranhos”. Como trazido pela autora, quando há maior participação dos alunos no tema trabalhado, a tendência é de maior entendimento.

Nesse sentido, durante o Projeto, a alta taxa de participação dos alunos refletiu na percepção tanto da proatividade destes como do maior aprendizado da história, economia e diversidade cultural de África, através de inúmeras oficinas e stands. No tocante à discussão do curta, a participação dos alunos foi também satisfatória, o que favoreceu a discussão - a partir dos questionamentos colados ao alunado – acerca do racismo, suas condições estruturais e institucionais, o caráter velado de algumas manifestações do racismo, da branquitude e das mazelas sociais atreladas ao processo de escravização.

No tocante ao segundo campo de estágio, ao analisar as experiências no IFBA de Vitória da Conquista, que compreende cursos estabelecidos de acordo com a legislação pertinente: básico (cursos de qualificação, requalificação e re-profissionalização de jovens, adultos e trabalhadores em geral, com qualquer nível de escolarização), técnico (habilitação profissional de nível médio) e superior (graduação), foi possível perceber a dinâmica estrutural, comportamental e metodológica do ambiente. Os cursos do Campus seguem um parâmetro que possibilita uma renovação frente às inovações pedagógico-educacionais, bem como uma integração contínua às mudanças nos processos produtivos (novas tecnologias, sistemas de trabalho e de produção, dentre outros). Nesse cenário, a observação do estágio supervisionado se deu com alunos do primeiro ano do ensino técnico em Meio Ambiente.

Referenciando-se teórica e metodologicamente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei 9394/96, as orientações do Currículo Oficial do Estado da Bahia para o Ensino Médio Técnico, o Projeto Político Pedagógico (PPP) do IFBA, disponibilizado aos estagiários para análise e estudo, reúne os pressupostos técnico-metodológicos gerais que

organizam as práticas acadêmicas da instituição de ensino. Para além disso, os aspectos do PPP legitimam o papel dos Institutos Federais como Instituições de Educação Básica e Superior, atrelados aos diversos segmentos da educação, do trabalho, da ciência e da tecnologia.

As aulas de sociologia no IFBA tinham duração de duas horas semanais (diferente da realidade de muitas outras escolas) e foram ministradas cotidianamente a partir do método pedagógico de explanação do conteúdo sociológico seguido de debate coletivo. O tempo de aula atrelado à dinâmica do professor facilitou o desenvolvimento da metodologia. Temáticas como fato social para Durkheim e ação social em Weber foram trabalhadas a partir do contexto social e do cotidiano vivenciado pelos alunos, que eram convidados a refletir e problematizar os temas pela análise de suas realidades.

Como exemplo prático, a realização do “Projeto Domina Mídia”, efetivado durante a 20ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), teve o intuito de abordar a questão das redes sociais, da influência midiática na sociedade e de como o marketing digital opera socialmente moldando nossas relações sociais. O projeto se desenvolveu a partir da mostra de um filme (O Show de Truman), episódios de séries (Nosedive, 15 Milhões De Méritos), discussões sobre a temática e, depois disso, o projeto foi trabalhado em salas de aula nas turmas do primeiro ao terceiro ano. De maneira geral, os alunos se engajaram bem na concretização do evento, salvo algumas exceções de jovens que se dispersavam no intervalo de uma oficina para outra.

Além disso, outros momentos foram utilizados para a sistematização prática de conhecimentos em diversos setores educacionais, como por exemplo, o evento “De Olho no Vestibular” realizado pelos alunos do estágio de observação e do PIBID de Sociologia, em parceria com professores do curso de Ciências Sociais da UESB, com a intenção de apresentar uma discussão e sinopse dos filmes que seriam cobrados no vestibular da UESB 2023, tendo em vista que o perfil do IFBA é de alunos que em sua maioria, pretendem seguir uma trajetória de formação profissional. Em virtude de o encontro ter se chocado com os horários de aula dos alunos, a participação neste evento em particular não foi tão grande, o que de certa forma não impactou totalmente o andamento do espaço, que contou com contribuições significativas dos estudantes presentes, enriquecendo assim o evento proposto.

Com isso, por meio da vivência no estágio supervisionado de observação é possível refletir que o IFBA contém em sua estrutura física e tecnológica, uma grande variedade de possibilidades e incentivos educacionais para os alunos. No entanto, o processo de seleção para ingresso nos cursos, em certa medida, segrega a política de acesso à instituição. Bourdieu

(1998), ao interpretar a escola como um possível espaço de exclusão de certos grupos e classes sociais, afirma que a herança cultural naturaliza a ação do privilégio social, ao passo em que se associa a valores interiorizados numa perspectiva exclusivamente pautada na desigualdade.

BOURDIEU E BRANDÃO: UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO

Em "A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura", o sociólogo Pierre Bourdieu busca elucidar, através de conceitos já estabelecidos em sua teoria, os processos e mecanismos através dos quais a escola opera, e, para além disso, o papel desse *modus operandi* na manutenção das desigualdades sociais. O autor pontua que a escola normaliza supostos *dons* (que são, na realidade, sociais) e a herança cultural dos sujeitos. Ao pontuar tais elementos, percebe-se como o processo de seleção nas escolas traz consigo tal normalização e, por conta disso, pesa de forma distinta sobre as distintas classes sociais. O que ocorre, para Bourdieu, é a "eliminação de crianças socialmente desfavorecidas". Assim, cabe ao sociólogo revelar os mecanismos de tal eliminação, para desmascarar ideologias supostamente neutras, a exemplo da meritocracia.

Bourdieu indica que a família transmite ao seu descendente um *ethos* e um conjunto de capital cultural que são, dentre outras coisas, responsáveis pela transmissão de uma atitude face à cultura e à escola. A soma dessas heranças constitui o que o autor chama de herança cultural. Ao analisar os diferentes êxitos (ou fracassos) escolares, é necessário levar tal herança em consideração. O nível cultural global da família, portanto, vai exercer uma influência cultural sobre o êxito, a exemplo da formação acadêmica dos pais.

No ambiente escolar, pela falta de controle ou de tentativa de equiparar os distintos sujeitos das distintas classes, existe uma "atmosfera cultural" que valoriza apenas aquilo considerado relevante pelas classes "cultas", o que cria uma falsa noção de que os indivíduos socialmente favorecidos possuem *dons* naturais para o manejo da língua ou para a apreciação da arte e da cultura. A atitude frente à escola, por parte do indivíduo, está relacionada, portanto, a esse *ethos* - comum a uma determinada classe social.

Para o autor, os ideais e os atos do sujeito estão colados ao grupo social e às expectativas que já existem em tal grupo. Nesse sentido, "renegar as origens" ou ambições "desmedidas" são atitudes fortemente desencorajadas pela classe popular, que pensa colada a um certo "realismo pessimista". Assim, pode-se perceber a influência da herança cultural na formação das atitudes frente à escola, que estabelece um processo de eliminação diferencial por classe social: aquele socialmente favorecido será fortemente encorajado aos estudos, enquanto na

classe popular é necessário que haja uma “superseleção” - êxitos excepcionais contínuos - para que o sujeito seja encorajado ao ensino universitário, por exemplo. As vantagens e desvantagens sociais (transformadas em vantagens e desvantagens escolares), diz Bourdieu, são cumulativas e ajudam a moldar noções e atitudes em relação ao destino profissional e à definição social do diploma (se este é acessível ou não).

Há, para Bourdieu, responsabilidade da escola na manutenção das desigualdades sociais, porquanto o sistema escolar ignora desigualdades culturais em seus mecanismos de ensino e avaliação, ou seja, sanciona as desigualdades, ao tratar os múltiplos alunos (das múltiplas classes) como iguais. Dessa forma, as exigências culturais da escola revelam seu verdadeiro público-alvo: aqueles que recebem e se apropriam do capital cultural desde cedo e em proporções elevadas. Isso porque não há pretensão de ensinar tudo a todos, já que um sistema explicitamente mais igualitário desagradaria as altas camadas. Assim, os mecanismos da escola promovem uma cisão entre a cultura diletante (proeza intelectual) e uma preparação mais técnica (profissional/mão de obra). A cultura diletante é aristocrática e perceptível de forma ainda mais ampliada no ensino superior, reduto de valores das classes privilegiadas. Nas palavras de Bourdieu (2007, p. 55): “É uma cultura aristocrática e sobretudo uma relação aristocrática com essa cultura, que o sistema de ensino transmite e exige.”

Ao tratar do tema da educação no Brasil, Carlos Rodrigues Brandão indica que existem inúmeras formas de se educar, que variam conforme as concepções de mundo e as culturas que engendram esta ou aquela forma educacional. Para além do ensino escolar, a educação envolve uma série de situações de ensino e aprendizagem que, seguindo a lógica durkeimiana, escapam dos espaços formais e compõem o fenômeno maior da socialização humana. Nesse sentido, a educação varia culturalmente e está presente nos diversos “mundos sociais”, a partir da criação e recriação por grupos sociais – que representam em maior ou menor medida uma sociedade.

Segundo Brandão, nas sociedades ocidentais modernas, a educação passa por um processo de divisão social do saber, a partir do qual serão criados diversos graus de ensino dispostos de forma ordenada, ou seja, serão criadas hierarquias do saber. Tais hierarquias fundamentam, pois, distintos níveis e postulam os distintos grupos que serão alvo de cada conjunto de níveis do saber. Nesse sentido, através das relações de poder que constroem e ordenam o sistema educacional formal, serão constituídos tipos específicos de escolas, com focos distintos.

Se seguirmos a lógica marxista que guia as ideias de Brandão, veremos que, se não existe uma educação universal, então cada modelo educacional depende do seu contexto sócio-

histórico e, portanto, do modelo de produção ao qual está atrelado. É assim que, nas sociedades ocidentais capitalistas, a educação é uma prática social fundamental que se relaciona tanto ao desenvolvimento de forças produtivas como à transmissão de valores culturais. Por tal lógica capitalista, temos a construção de um modelo educacional orientado tão somente para a inserção dos jovens (filhos de trabalhadores) no mercado de trabalho, o que têm por objetivo apenas a manutenção e multiplicação dos lucros capitalistas.

No modo de produção capitalista, orientado pelas relações entre capital e trabalho, a educação assume, para além da sua qualidade enquanto bem de uso, seu caráter de bem de troca. Por tal viés, a educação passa a assumir um valor que, muitas vezes, custa caro: vale como posse. Mas, para além disso, vale também como instrumento de controle e difusão de ideias e ideologias. Nesse sentido, acontece a sustentação - pelas elites dominantes - de um ideal teórico sobre a educação que, objetivamente, reproduz as desigualdades por diferentes tipos de ensino escolar: primário-profissional (subalterno) e secundário-superior (dominante).

Ao pensar a educação, Brandão indica que esta constitui um processo e uma prática social inevitáveis. De fato, a educação pode reproduzir e aumentar as desigualdades sociais, como demonstram alguns teóricos. Todavia, seguindo a abordagem freiriana, Brandão indica que a educação também pode servir como veículo para a igualdade, numa orientação para um outro “tipo de mundo” que seja, ao menos, menos desigual. Nas palavras de Paulo Freire, é possível reinventar a educação, esforço que começa por entendê-la não como fetiche, não como suprahumana, mas como uma invenção nossa, expressão de mundos sociais específicos.

EXPERIÊNCIAS COMPARADAS: ESTÁGIOS EM EDUCAÇÃO BÁSICA

A partir das noções bourdieusianas acerca da educação, é possível perceber o EJA como um modelo de ensino sistematicamente desprivilegiado. Se pensarmos em carga horária das disciplinas e condições materiais do ensino, percebemos facilmente as dificuldades pelas quais os alunos deste tipo de ensino passam. Apesar da boa infraestrutura observada no CIEB, as aulas a noite (de 35 minutos) enfrentam, muitas vezes, uma classe cansada, tendo em vista que a maior parte dos estudantes são também trabalhadores. O EJA, portanto, é exemplo de como a educação é desigualmente ofertada e apropriada. Além disso, o modelo é oferecido a um público que, muitas vezes, pretende garantir o diploma para então retornar ao mercado de trabalho, sem grandes pretensões de ensino superior.

Pela experiência vivida no ensino noturno do CIEB, foi possível perceber um perfil de aluno médio que pouco se interessa pelas aulas de sociologia. O desinteresse é a tônica geral,

bem como o desânimo em relação à prestação do ENEM ou do vestibular da UESB. Essa atitude frente à escola e ao futuro acadêmico estão, em alguma medida, relacionadas àquilo que Bourdieu conceituou como herança cultural, ou seja, um ethos culturalmente constituído e socialmente transmitido, que impera sobre inúmeras escolhas dos sujeitos. Pela obra de Brandão, podemos perceber os diferentes modelos de ensino formal instituídos numa mesma cidade, mas para grupos sociais distintos. Enquanto no IFBA a formação dos alunos compreende todo um preparatório para vestibulares, através da aplicação constante e sistematizada de avaliações e simulados, no EJA o foco é tão somente a conquista do diploma para posterior reinserção no mercado de trabalho, tendo em vista as vontades dos alunos e o fato da maior parte advir da classe trabalhadora.

A partir das reflexões de Bourdieu (1998) e Brandão (2019), podemos abandonar a noção de uma educação universalmente válida para toda e qualquer sociedade humana, uma vez que temos de pensar nas variações contextuais e do papel da cultura nas elaborações sociais. Assim, devemos, a partir do nosso recorte sociocultural, tentar analisar qual a forma – ou quais as formas – educacional, no âmbito do ensino escolar formal, que é criada e que nos é apresentada como sendo a ideal, o modelo a ser efetivado.

Ao refletir a realidade da educação no Brasil, percebe-se que as desigualdades sociais são gritantes e repercutem incisivamente no contexto escolar. As disparidades econômicas presentes entre as classes sociais, o precário investimento em educação e a negligência política diante da problemática são fatores diretamente associados à cultura estrutural do ensino. A escola esconde a diversidade dos indivíduos, apaga a cultura de luta dos grupos populares e exclui de maneira contínua os canais educativos de universalização do saber. Ao comparar as experiências do CIEB e do IFBA, foi possível notar e evidenciar as discrepâncias presentes nas diferentes instituições de ensino do município, que refletem também a dura realidade educacional do país.

A partir da comparação entre alguns contextos, podemos perceber a validade empírica da teoria de Brandão, que apresenta e confronta um modelo educacional orientado para a inserção - em cargos mal remunerados, muitas vezes – no mercado de trabalho e outro orientado para o “pleno desenvolvimento do ser humano”. Dessa forma, enquanto um modelo educacional é construído para os filhos de um determinado grupo social (trabalhadores), outro está colado ao que Bourdieu chamou de “alta cultura”, associado às elites diletantes e que têm por vocação a erudição de alto nível.

Assim, se pensarmos na educação como algo fundamentalmente social, devemos pensar qual deveria ser a sua “função social” e quais os grupos que deveriam ou não fazer parte da organização e da definição dessa função. Longe de pensar a educação como algo tão somente individual – narrativa atomizada que fundamenta uma falsa universalidade educacional e que disfarça as desigualdades sociais -, devemos pensá-la para atender grupos sociais, de forma a elucidar as condições sociais dos sujeitos que serão alvo do sistema educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela comparação das experiências de estágio, foi possível perceber que o ensino de sociologia enfrenta dificuldades, guardadas as suas diferenças, em ambas as modalidades, o que pode ser encarado como um sintoma mais profundo da deslegitimação da disciplina no contexto escolar. Para além disso, notamos que, no modelo do EJA observado, o aluno não é incentivado a seguir a carreira acadêmica, fato que exemplifica uma educação para formação e rápida (re)inserção no mercado de trabalho.

Empiricamente, foi possível perceber a existências de distintos modelos de educação, voltados para distintas camadas sociais. As teorias de Bourdieu e Brandão, que versam sobre o potencial reprodutor das escolas, foram percebidas e validadas nessas duas realidades escolares de Vitória da Conquista, fato que consolida a manutenção das desigualdades sociais como um objetivo/projeto político do país.

Dentro desse projeto político, e pela percepção das elites dominantes – que possuem poder de decisão sobre o contexto escolar – apresentada pelos autores, é preciso atentar para as narrativas estabelecidas por tais grupos, que se apresentam como benfazejas ao jovem estudante, como é o caso da Base Nacional Comum Curricular e do Novo Ensino Médio. Se usarmos a perspectiva de Brandão, podemos perceber que a narrativa que universaliza o estudante e indica sua livre iniciativa (itinerários formativos e carreira futura) é a mesma que esconde a diversidade social que cobre o país, é a mesma que esconde as distintas condições e demandas das regiões do país, dos variados grupos sociais, das variadas escolas.

Ao entender a educação como um importante campo de conflitos sociais, é necessário que os trabalhadores da educação e os membros da sociedade civil, interessados num outro modelo educacional, ocupem os espaços de participação e decisão populares, na tentativa de pressionar o Estado no sentido de uma outra organização educacional, mais justa e igualitária. Como nos lembra Brandão, a ótica freiriana da reinvenção da educação deve ser resgatada para que possamos lutar por um modelo educacional que possibilite, para os diversos grupos sociais, as mesmas oportunidades de formação pessoal e profissional.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB-Lei nº9394/96. 20 de dezembro de 1996.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Escritos de educação/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. – Petrópolis, RJ:Vozes, 1998. – (Ciências Sociais da educação).

BRANDÃO DE OLIVEIRA, Fabiana Luci. Ensino médio, gestão escolar e equidade racial: caminhos para uma escola diversa e democrática. Laplage em revista, v. 5, n. especial, p. 98- 111, 2019. IFBA. Projeto Político Institucional do IFBA. Bahia, 2020.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. Didática e ensino de sociologia: questões didático-metodológicas contemporâneas. Ensino de Sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais. 1ed. Seropédica: Edur, v. 1000, p. 106-121, 2013.

Autor 1:

SAMUEL PRATES DE SOUSA E SILVA



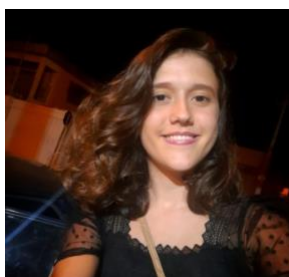
Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, pesquisador em Antropologia, sob o tema de artes marciais.

Email: 202020554@uesb.edu.br

Plataforma Freire: Samuel Prates de Sousa e Silva

Autor 2:

MILENE MEYRE DA SILVA



Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, pesquisadora da temática Articulação política entre os movimentos sociais e o primeiro Governo Lula.

Email: 202020261@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7418760948955377>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4770-2344>